

A Mecanização e o Plantio Direto no Brasil

José P. Molin
Professor Doutor
Departamento de Engenharia Rural
ESALQ/USP

O Brasil já ocupa um lugar de destaque no cenário mundial em termos de área ocupada com plantio direto nas lavouras anuais. As estimativas são de que nós tenhamos hoje (safra 2001/2002) acima de 14 milhões de hectares. Segundo dados recentes (ver Tabela 1), mais de 80% das áreas de plantio direto do mundo estão concentradas na América. Estados Unidos, Brasil e Argentina respondem por 73% da área mundial sob plantio direto.

Tabela 1. Plantio Direto no mundo (fonte: Derpsch, R., 2000)

País	Área sob Plantio Direto em 1999/2000 (ha)
USA	19750000
Brasil	13470000
Argentina	9250000
Austrália	8640000
Canadá	4080000
Paraguai	800000
México	650000
Bolívia	20000
Chile	96000
Colômbia	70000
Uruguai	50000
Venezuela	50000
Outros	1000000

Estamos comemorando o primeiro quarto de século desta que vem sendo a técnica que mais revolucionou os últimos anos da agricultura brasileira. A partir da sua adoção em larga escala, no final dos anos 80, o cenário da agricultura em muitas regiões teve mudanças gritantes. Se lembrarmos as feiras de máquinas de 15 ou 20 anos atrás, vamos lembrar que as máquinas e implementos de preparo do solo ocupavam lugar de destaque. Hoje é difícil se encontrar um fabricante apresentando seus arados e grades aradoras. Não é que não se comercializa mais esse tipo de equipamento, porém não é mais “politicamente correto” mostrá-los. Os fabricantes que concentravam seus esforços e faturamento nesses produtos, hoje são os que dominam o mercado de semeadoras, na sua quase totalidade dedicadas para semeadura sobre palha.

Outro fenômeno recente tem sido o mercado de tratores. É sabido que um dos grandes méritos do plantio direto é a redução da energia consumida para se implantar uma lavoura, em função da não necessidade do preparo prévio do solo. Com isso aconteceu o

óbvio. O mercado de tratores se ressentiu e a grande maioria das propriedades que ingressaram no sistema tiveram uma certa sobra de potência disponível.

No entanto, se começa a visualizar uma outra alteração de curso no mercado de tratores, agora por conta dos sulcadores de adubo das semeadoras que eram predominantemente de discos duplos e vêm sendo sistematicamente substituídos por hastes (“facões”). Há muita controvérsia com relação à real eficácia das hastes que eram principalmente adotadas para a semeadura de milho e feijão. Essa prática neste último ano já avançou para a semeadura da soja. O que acontece é que a demanda de potência por linha de semeadura, somente por conta dessa alteração praticamente duplica. Com isso está havendo um aquecimento do mercado de tratores maiores em substituição a aqueles que não conseguem mais tracionar a semeadora agora equipada com hastes sulcadoras. O trator referência da propriedade era aquele na faixa de 90 a 110 hp e passa a ser algo entre 140 e 180 hp.

Essas são mudanças de mercado ditadas pela evolução do sistema plantio direto. Porém nem sempre são alterações fundamentadas em experimentação, pesquisa e ensaios. É evidente a necessidade de um olhar mais atento para a real necessidade da adoção de algumas mudanças, como o caso dos sulcadores de hastes que podem ter seu benefício, mas também têm um custo e neste caso o custo indireto é bem maior que o custo da simples troca de peças na semeadora.

Aproveitando a oportunidade, São Pulo estará sediando o 8^o Encontro Nacional de Plantio Direto na Palha, na cidade de Águas de Lindóia. O evento acontecerá no período de 17 a 21 de Junho deste ano, em articulação com a Secretaria da Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo e a Federação Brasileira de Plantio Direto na Palha, bem como com a colaboração de várias entidades, dentre elas a ESALQ. O programa pode ser encontrado no endereço: www.pjeventos.com.br/plantio2002.